

editorial
editorial

entrevista
interview

ágora
agora

tapete
carpet

artigo nomads
nomads paper

projetos
projects

expediente
credits

próxima v!rus
next v!rus

V!19

issn 2175-974x | ano 2019 year

semestre 02 semester



Eduardo Rocha é Arquiteto e Urbanista e Doutor em Arquitetura. É professor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas, e pesquisador no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da mesma universidade, onde coordena o grupo de pesquisa "Cidade+Contemporaneidade". Pesquisa modos de vida na contemporaneidade, cartografias urbanas e sociais, caminhar e ativação de espaços públicos.

Lorena Resende é Arquiteta e Urbanista e Mestre em Arquitetura e Urbanismo. Tem experiência na área de Arquitetura e Urbanismo, com ênfase nas Cidades de Fronteira, e Planejamento e Projeto. É Professora substituta na Universidade Federal do Rio Grande, na área de expressão gráfica. Colabora no desenvolvimento de projetos de pesquisa, ensino e extensão junto ao LabUrb e ao Labcom, da Universidade Federal de Pelotas.

Luana Detoni é Arquiteta e Urbanista e Mestre em Arquitetura e Urbanismo. Tem experiência na área de Arquitetura e Urbanismo, com ênfase nas Cidades de Fronteira, e Planejamento e Projeto. É Professora substituta na Universidade Federal do Rio Grande, na área de expressão gráfica. Colabora no desenvolvimento de projetos de pesquisa, ensino e extensão junto ao LabUrb e ao Labcom, da Universidade Federal de Pelotas.

Taís dos Santos é Arquiteta e Urbanista e pesquisadora do Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas. É membro do grupo de pesquisa Cidade+Contemporaneidade, no qual estuda teoria da Arquitetura e Urbanismo contemporâneos.

Vanessa Forneck é Arquiteta e Urbanista e pesquisadora do Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas. Participa do Projeto de Ensino vinculado ao Núcleo de Estudo de Arquitetura Brasileira na mesma universidade. Desenvolve projetos de pesquisa, ensino e extensão junto ao Laboratório de Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas.

Resumo

Percorremos as cidades-gêmeas Chuí e Chuy, localizadas na fronteira entre o Brasil e o Uruguai, com o objetivo de construir e compartilhar informações sobre os lugares públicos encontrados nesse espaço-entre da contemporaneidade. No caso do Chuí-Chuy, uma linha reta demarca a divisão-ligação que atravessa o mapa e a vida urbana de ambas as cidades. A metodologia utilizada foi a cartografia urbana, a partir de caminhadas exploratórias ao longo da linha de fronteira, durante as quais realizamos coleta de dados através de mapas, fotografias, vídeos e entrevistas, a fim de vivenciar a fronteira na fronteira. A cartografia urbana busca acompanhar processos e modos de vida, trazendo à tona o indizível nas cidades como forma de composição de outras críticas urbanas. A caminhada utilizada como prática estética e ética visa à imersão corpórea do pesquisador no cenário caótico e complexo da cidade fronteiriça. Nesses lugares urbanos, foi possível encontrar a “hospitalidade” derridiana, uma hospitalidade-hostil, do acolhimento submetido a condicionamentos. Caminhar e cartografar são encontros na direção contrária; um escrever a cidade que permite uma revolução, uma possibilidade de criação como insurreição do devir nesse entre-lugar-linha de fronteira. A informação obtida nos faz questionar sobre a responsabilidade política, social e ética do arquiteto e urbanista no desvendamento dos acontecimentos menores e à margem.

Palavras-chave: Cartografia, Caminhada, Fronteira

1 Tecer o caminho

Enquanto linha pressupõe limite, fronteira revela expansão. Etimologicamente, fronteira deriva do antigo latim *frons, frontis* e indica o que está à frente, dando também ideia de movimento. Como nos revelam Gilles Deleuze e Félix Guattari (1997, p. 27), “no limite, só conta a fronteira constantemente móvel”, local de mutação e subversão. A fronteira não preexiste, pois sempre é criada e recriada. A composição da informação sobre o território de fronteira não consiste somente no mapa-espacial, mas abraça também relações, criações e pensamentos, configurando-se na arte, na ciência e nos lugares de possibilidades de todas as áreas do conhecimento, em distintas composições temporais e espaciais.

No rastro da linha fronteiriça que delimita e, ao mesmo tempo, une os países Brasil e Uruguai, este artigo investiga o lugar público no ponto de maior conexão e complexidade entre territorialidades: as cidades-gêmeas, cidades de fronteira que compartilham a linha demarcatória política internacional. Elas promovem integração econômica e cultural, podendo ser conurbadas ou não (PUCCI, 2010). No Brasil, há um total de trinta e uma cidades-gêmeas, compartilhadas com nove países latino-americanos diferentes. Escolhemos nos aproximar de uma delas, no extremo sul do país: Chuí, reconhecida como a última cidade do Brasil, em direção ao Sul, que se conforma junto à cidade Chuy, localizada no norte do Uruguai. Objetivamos compreender como acontecem alguns aspectos da vida urbana, como uso, ocupação e apropriação desse lugar público do entre, na faixa internacional de indiscernibilidade.



Fig. 1: Mapa da América Latina localizando a linha de fronteira Brasil-Uruguai, com destaque para as cidades-gêmeas Chuí/Chuy. Edição de Taís Beltrame dos Santos. Fonte: Acervo Laburb/FAUrb/UFPeL, 2018.

As pequenas cidades Chuí (Brasil) e Chuy (Uruguai), de fronteira seca e formação conurbada, somam juntas aproximadamente 16.000 habitantes, e estão conectadas pela extensa Avenida Internacional, composta por um canteiro central (Figura 2). A Avenida, agitada e movimentada pelo comércio de *free shops*, ambulantes e camelôs, atrai turistas de ambos os países. A evolução urbana da cidade de Chuy e, posteriormente, de Chuí, esteve ligada ao comércio e a interesses privados, caracterizando um processo de ocupação imediatista de formação tardia, já intensificada pelo pensamento neoliberal. Uma das características diferenciais dessas cidades é a forte presença de imigrantes árabes-palestinos, que contribuem com a expansão urbana e econômica, assim como com a expressão da arquitetura, marcada pela imponência de uma mesquita, ainda em construção.



Fig. 2: Fotografia da Avenida Internacional das cidades-gêmeas Chuí/Chuy. Fonte: Vanessa Forneck, Acervo Laburb/FAUrb/UFPel, 2018.

A espessura da fronteira possibilita o compartilhamento multicultural e acolhe as diferenças, como na “hostipitalidade”, ou seja, a coexistência de uma hospitalidade hostil (DERRIDA; DUFOURMANTELLE, 2003; FUÃO, 2014). O conceito, proposto por Derrida (DERRIDA; DUFOURMANTELLE, 2003) nomeia a sensação da coexistência do acolhimento e da repulsa. A fronteira acolhe o estrangeiro (hospitalidade) e também impõe condicionantes como: conferência de documentação, revista de objetos pessoais e indagações sobre os motivos da travessia nas aduanas (hostilidade). A “hostipitalidade” se constitui de antagonismos, afinal é necessário um hospedeiro para que exista um hóspede. Da mesma forma, sempre se dá entre duas partes: pode ser parte de uma hospitalidade incondicional, independente de limites, acordos ou condições, ou de uma hospitalidade condicional. Esta última, caso da fronteira, está sujeita a direitos e deveres entre hóspede e hospedeiro. Nesse limite, ao mesmo tempo em que os brasileiros são hóspedes, os uruguaios são hospedeiros e vice-versa. A fronteira é um local de espera ou de “esperrância” (FUÃO, 2014). Ela espera o errante-hóspede, o hóspede espera o hospedeiro. A fronteira é chegada e partida, é porta, ponte, movimento e também espera.

Essas cidades-gêmeas estão distantes dos centros político-administrativos dos seus respectivos países e de decisões do poder. Respondem, porém, a rígidas e limitantes jurisdições federais, uma vez que se localizam em um território de segurança nacional. As burocracias das legislações e dos planejamentos impostos não condizem com a realidade fronteiriça, intensificando o atraso da aplicação de políticas públicas e diretrizes de integração mais efetivas. Devido à pouca autonomia, as cidades-gêmeas enfrentam, cotidianamente, desafios de administração e gestão no convívio com as inúmeras questões fronteiriças. No entanto, são os acordos temporários e emergenciais entre as cidades – furos, escapes na lei e informalidades – que possibilitam pequenas melhorias na qualidade de vida urbana e social.

Diante desse panorama, questiona-se: Como acontece a vida urbana na linha de fronteira das cidades-gêmeas Chuí/Chuy? Quem são os atores humanos e não-humanos que resistem nessa faixa de indeterminação? Como são traçadas as linhas de fuga, os escapes do planejamento institucional, possibilitando a criação de novos tipos de apropriação? Como aprender com esses fatos urbanos do devir, revolucionários, da micropolítica ativa, contribuindo para uma reflexão crítica sobre as práticas do urbanismo contemporâneo? Como lidar com a produção e divulgação dessas informações – que, muitas vezes, ferem a legalidade – sem propiciar denúncias e más interpretações, mas, sim, potencializar esses fatos urbanos como outros modos de praticar/viver a cidade em sua extrema complexidade?

Dessa forma, com o objetivo de mapear, analisar e compartilhar informações sobre os lugares públicos encontrados nesse espaço-entre da contemporaneidade, realizamos uma viagem por toda a linha fronteira Brasil-Uruguai, a fim de vivenciar, de perto e de dentro, a fronteira na fronteira. Para isso, utilizamos a cartografia urbana a partir de caminhadas exploratórias pela linha da fronteira, coletando dados em mapas, fotografias, entrevistas e vídeos. A cartografia urbana sensível (DELEUZE; GUATTARI, 1995) busca acompanhar processos e modos de vida na contemporaneidade, trazendo à tona o indizível nas cidades, como forma de composição de novos projetos urbanos. Utilizado como prática estética (CARERI, 2013; JACQUES, 2012) e ética, o caminhar buscou uma imersão corpórea do pesquisador-cidade-pesquisado em um cenário caótico e complexo.

O estudo em questão faz parte do projeto de pesquisa "Travessias na linha de fronteira Brasil-Uruguai: controvérsias e mediações no espaço público de cidades-gêmeas", que atravessa os planos urbanísticos homogeneizantes e totalizadores provocando uma prática revolucionária. Acreditamos que a diversidade, a multiculturalidade, as questões do devir presentes nas cidades, as caminhadas e a inscrição no próprio corpo das experiências urbanas nos ensinam meios mais democráticos e condizentes para a apreensão e crítica das cidades. As informações completas dessas cartografias podem ser acessadas no *website* <https://wp.ufpel.edu.br/travessias/>.

2 Cartografar o percurso

Através da cartografia, Deleuze e Guattari (1995) propõem a análise dos acontecimentos durante o processo de pesquisa, em uma ótica que rompe com os métodos tradicionais da antecipação de hipóteses e resultados. Nessa metodologia, os pesquisadores são interventores do seu objeto de estudo e o vivenciam por meio da experiência corporal. Própria da contemporaneidade, a cartografia permite o registro de múltiplos atravessamentos – acontecimentos – e não se restringe à representação de um objeto. Procura compreender as subjetividades e coexistências em um plano de imanência e, por isso mesmo, permite vazar o devir de cada território, ou seja, dar importância a questões por vezes minimizadas. "O devir constitui uma captura, uma possessão, uma mais-valia, jamais uma reprodução ou uma imitação." (DELEUZE; GUATTARI, 2014, p. 29). A cartografia urbana busca revelar o que os mapas do urbanismo tradicional não atingem.

Durante o processo cartográfico, atravessamos as cidades-gêmeas através da caminhada, como um ato estético, ético e político. O arquiteto italiano Francesco Careri (2013), em sua obra *Walkscapes: o caminhar como prática estética*, propõe uma inovação no processo metodológico: a experiência da caminhada nos "territórios atuais", no espaço urbano contemporâneo. Nessa perspectiva, a cartografia envolve caminhar pelas frestas, nos entre-lugares da cidade, dispondo-se sempre a atravessar os muros e as fronteiras, conhecer a borda, atentar para o que é visível e invisível – para os locais que não constam de guias turísticos. Dessa forma, não se pré-estabelecem metas, com o intuito de se deixar capturar por *afectos* e *perceptos*.

A caminhada é a criação de sentidos, a descoberta do novo, e pode ser dividida em: 1. travessia, o percurso caminhante; 2. linha, o rastro marcado pela trajetória; e 3. relato, o discurso, a narrativa do trajeto caminhado. Logo, é no trajeto, tanto físico como do pensamento, que se percebe o nomadismo, a suspensão dos objetos (materiais) para a inserção da experiência (sensível). Careri (2013), em suas "transurbâncias", ressalta que os praticantes urbanos são os responsáveis por essa cidade "lisa", ou seja, a cidade nômade, que não está marcada no guia turístico, que muitas vezes é invisibilizada, mas que existe em suas bordas ou nos vazios inconspicuos da cidade espetacularizada. No encontro com o outro, atravessando os caminhos dos medos, do inesperado, reconhecemos a cidade nômade, ativa, viva, desprendida, caótica, mas que nos ensina novas maneiras de pensar e de se apropriar dos espaços urbanos.

Essa cartografia urbana (caminhar + cartografar) foi auxiliada por quatro procedimentos metodológicos: a entrevista de manejo cartográfico, a auto-fotografia, a produção de mapas e a produção de vídeos. A entrevista consistiu em conversar e apreender as vozes de moradores, autoridades, técnicos e estrangeiros, além de compreender o conjunto de percepções do ambiente e das forças envolvidas nas narrativas sobre e na fronteira. A auto-fotografia, através do olhar dos viajantes-pesquisadores, envolveu a captura de fotos das cenas urbanas vivenciadas, o registro de *afectos* provocados pelas linhas de fuga no ato da travessia. Por sua vez, a produção de mapas compreendeu a inscrição, por meio de desenhos e escritas, dos usos e das apropriações percebidos durante a caminhada pela linha de fronteira, registrando os fatos urbanos que deixaram marcas no próprio corpo. Por fim, a produção de vídeos visou documentar as travessias caminhadas, os cenários da vida urbana desnudos de idealizações, cartografando a essência dos acontecimentos dentro daquele espaço-tempo singular, possibilitando uma espécie de criação do que já estava posto.

A metodologia escolhida engloba diferentes instrumentos (caminhada, entrevista, mapas, fotografia e audiovisual) com a intenção de alcançar as distintas e numerosas camadas de informação que compõem a cidade contemporânea. Conscientes da impossibilidade de abarcar essas camadas em sua totalidade e, ao mesmo tempo, comprometidos com a integridade e com as peculiaridades de cada coleta, adotamos essa

metodologia com o desafio de comunicar o indizível, evidenciar, através da experiência e da imersão na escala sensível 1:1, os fragmentos urbanos encobertos.

A análise cartográfica não acontece somente no pós-experiência, mas acompanha todo o processo de investigação: “a análise de processos coloca-se ao lado da experiência, o que é bem diferente de afirmar que ela se apoia em evidência” (BARROS; BARROS, 2014, p. 198). Através de uma sobreposição dos dados cultivados, coexistentes, foi possível extrair outras problemáticas que possibilitaram a criação de novas pistas sobre esse território plural, complexo e heterogêneo. Essa estratégia promoveu questionamentos sobre o papel dos arquitetos e urbanistas sobre a aplicabilidade dos planos urbanos institucionais, e também sobre como lidar com meios de divulgação e compartilhamento de informações tão genuínas.

3 Atravessar a experiência

De acordo com cada procedimento metodológico, foram elaborados os mapas que compõem os resultados alcançados durante a travessia pela linha de fronteira Chuí-Chuy.

3.1 O mapa-entrevista

A entrevista de manejo cartográfico possibilita a compreensão de diferentes subjetivações que atravessam a fala. Essa, “que acompanha o movimento e, mais especificamente, os instantes de ruptura, os momentos de mudança presentes nas falas” (TEDESCO; SADE; CALIMAN, 2013, p. 300), se propõe como uma ferramenta importante no desvendamento da experiência, pois leva em consideração as pausas, acelerações, respiros e velocidade da narrativa, mais do que o próprio objeto que está sendo narrado. Possibilita, assim, a pluralização de relatos e afecções sobre e a partir de um território, de um estímulo ou, até mesmo, de uma linha de fuga.

Em uma sala de reunião na Biblioteca Municipal do Chuy (UY), fomos recebidos pelo Sr. CC-1 (codinome fictício), uruguaio que, no auge dos seus 81 anos, descrevia relatos em um espanhol pausado e sereno. O Sr. CC-1, que atualmente ocupa um cargo político que lida com questões internacionais, demonstrou empenho nas tratativas e nos acordos que realiza com o país vizinho.

[...] fazemos acordos que permitam viver o que somos: uma cidade (Chuy/Chuí). Somos uma cidade pela composição e pelo lugar geográfico, o que nos obriga a trabalhar juntos todo tempo. Trabalhamos no tema de saúde, fazemos reuniões de acordos. (CC-1, 2018)

Durante nossa conversa, era perceptível o seu desejo de integração entre as cidades-gêmeas, a vontade de propor acordos fronteiriços que atendessem aos interesses de distintas legislações e culturas. Isso requer, muitas vezes, questionar e discutir com a alta centralidade do poder político, como complementou CC-1: “de Brasília, não sabem o que é viver em uma fronteira e definem como temos que viver. Então é uma briga e uma discussão permanente”. Ele considera que os acordos locais entre as cidades-gêmeas são mais eficazes que tratados e leis decididos em congressos com pouca representatividade. Para CC-1, “na fronteira, a lei [fazendo gesto com a manga da jaqueta] sempre pode escapar”.

Em outro momento, na sede da Prefeitura do Chuí (BR), entrevistamos CC-2 e CC-3 (codinomes), que ocupam cargos políticos no município, e nos contaram os desafios de se gerenciar uma cidade de fronteira seca. Diferentemente do encontro com o Sr. CC1, essa conversa se realizou em um tom mais frio, com falas rápidas e diretas. Aparentemente com receio de deixar escapar algo que não deveria, CC-2 era muito bem articulado ao se expressar verbalmente e se apoiava, o tempo todo, na Constituição Federal, no que estava escrito na lei e no que era resolvido em “acordo entre cavalheiros”. CC-3 completou que “as pessoas atravessam o canteiro e não tem noção de que estão sob jurisdição de outro país”, revelando os problemas de habitar um território com legislações distintas em cada lado.

Essas são narrativas interessantes e diversas que reforçam o caráter complexo e múltiplo desse território. Falas que nos aproximam do cotidiano fronteiriço e revelam as dificuldades sem o idealismo midiático de uma fronteira aberta, pacífica e homogênea. Expressam vozes, por vezes contraditórias, que tecem histórias diferentes em um mesmo território. Os idiomas português e espanhol se chocam cotidianamente, mesclando-se em um terceiro “idioma”, o portunhol. Essa é uma das adaptações de convivência e de sobrevivência em uma fronteira sem muros concretos, porém regida por normas e legislações inflexíveis.

As informações obtidas através das entrevistas – desde o conteúdo das falas até os gestos, expressões e modos de falar – compõem uma camada ou, segundo Deleuze e Guattari (1992), platôs de significação. No entanto, com o intuito de atingir o objetivo de compartilhar essas camadas no *website*, deparamo-nos com um impasse ético, uma vez que algumas declarações revelavam opiniões e fatos comprometedores, possivelmente

propulsores de divergências. Mesmo omitindo a identidade do entrevistado ou obtendo seu consentimento para publicação, optamos por suprimir, no *website*, as informações coletadas através desse procedimento. Utilizamos fragmentos dessas falas em artigos e livros, mas a íntegra da entrevista está resguardada pelos autores.

3.2 O mapa-auto-fotografia

O procedimento da auto-fotografia tem origem nos estudos da psicologia, tendo sido descrito inicialmente por Robert Ziller (1997). A partir de um questionamento, alguns estudantes e pesquisadores são convidados a retratar, através da fotografia, suas percepções quanto ao tema. Após o registro das imagens, é solicitada uma conversa com o autor sobre os motivos que resultaram na captura de tais cenas. As duas fotografias (Figuras 3 e 4) foram selecionadas pela viajante-pesquisadora-arquiteta Laís Becker, que nos explicou suas aspirações mediante o questionamento: O que acontece, existe e resiste na linha de fronteira das cidades-gêmeas Chuí-Chuy?

Na primeira foto, que é bem no centro mesmo, bem na parte mais comercial, me chamou atenção a quantidade de informação que tinha. Todo esse aparato publicitário enorme, gigante, a quantidade de carros estacionados, tapando todo o visual do espaço onde os pedestres deveriam estar aproveitando. Então tu vê o canteiro espremidinho aqui sem nenhum uso. Já na segunda foto, é o contrário. Peguei essa como se fosse o último resquício do canteiro, o último resquício daquele espaço público ali na linha de fronteira. E, a partir disso, começa um novo espaço, mais livre, mais difícil de determinar o lado. O que eu achei interessante foi o contraste entre essas duas paisagens. Uma, com muita informação, e outra, mais calma, com menos coisas. Nenhuma delas tem um tratamento muito adequado do espaço público para as pessoas utilizarem. (BECKER, 2018).



Fig. 3: Auto-fotografias da travessia no canteiro internacional Chuí-Chuy. Fonte: Laís Becker, Acervo Laburb/FAUrb/UFPel, 2018.



Fig. 4: Auto-fotografias da travessia no canteiro internacional Chuí-Chuy. Fonte: Laís Becker, Acervo Laburb/FAUrb/UFPel, 2018.

A auto-fotografia possibilita essa composição entre imagem e escrita. O olhar e o pensamento do investigador abrem novas frestas e percepções durante a experiência, auxiliando, assim, a problematização da pesquisa. A

fotografia falada revela, além da exibição imagética, a construção de um pensamento crítico. O ato de fotografar, capturar instantaneamente um cenário, envolve uma escolha, um desejo e uma inquietação que têm prosseguimento na escrita, na declaração do pensamento motivado por uma ruptura.

A caminhada, em simultaneidade com o processo cartográfico pela linha de fronteira, possibilitou a construção de novas informações em diferentes tempos: o caminho deixado, os passos atuais e a visão borrada do caminho futuro. A prática do espaço em um tempo dentro da caminhada/cartografia impõe aos corpos outro ritmo. Afasta-se, temporariamente, da lógica da "compressão espaço-tempo", observada pelo geógrafo David Harvey (1992), no qual o espaço é encurtado em detrimento do tempo, para se permitir a lógica do "perder tempo e ganhar espaço", proposta por Careri (2013), que possibilita lentidão, pausas para fotografias, pensamentos, escritas e escapes.

3.3 O mapa-mapa

Os mapas elaborados pelos pesquisadores expressam *afectos* e *perceptos* capturados e produzidos nas cidades-gêmeas Chuí-Chuy, e trazem algumas pistas do que é essa linha de fronteira.

Conforme as Figuras 5 e 6, a divisa entre os países apresenta uma linearidade bem definida. A linha/reta estimula a errância, a espera de algo ou alguém e, ao mesmo tempo, o desprendimento do que foi deixado para trás, abandonado. Um elemento marcante nos mapas é a presença dos *free shops* na cidade uruguaia, o que gera um fluxo intenso de turistas e compradores na área central das cidades. O comércio possui um potencial atrativo que estimula a espera, como percebido nas palavras "carros e estacionamento" nos mapas. Porém, esse fluxo comercial pode ser compreendido como uma hospitalidade condicional, seletiva, para quem possui poder de compra. Também há registros de comércios informais de ambulantes e camelôs que ocupam as calçadas e ruas. Apesar de ser uma avenida com intensa movimentação no centro da cidade, há um canteiro central, exatamente na linha de fronteira entre os países, onde não acontecem muitas interações. É a linha do abandono, uma transição, um entre-lugares, um muro imaginário que delimita um território. Apresenta marcas de uso, mas não é habitada. Está cheia de bancos vazios. Suas calçadas estão quebradas. Trata-se de um local sem atividades, sem pessoas e sem vida.

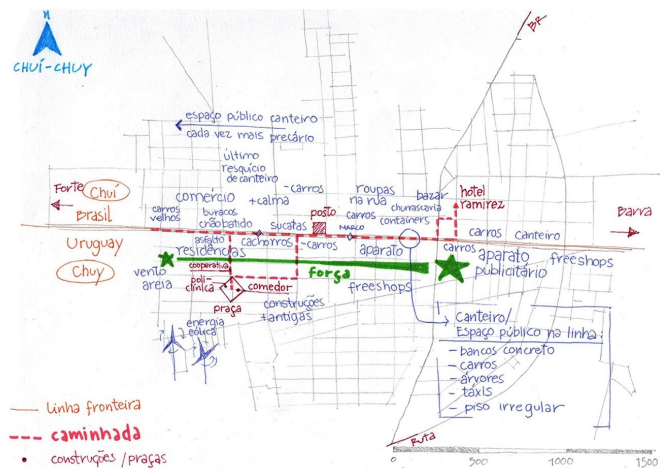


Fig. 5: Mapa cartográfico das cidades-gêmeas Chuí-Chuy. Fonte: Laís Becker, Acervo Laburb/FAUrb/UFPel, 2018.

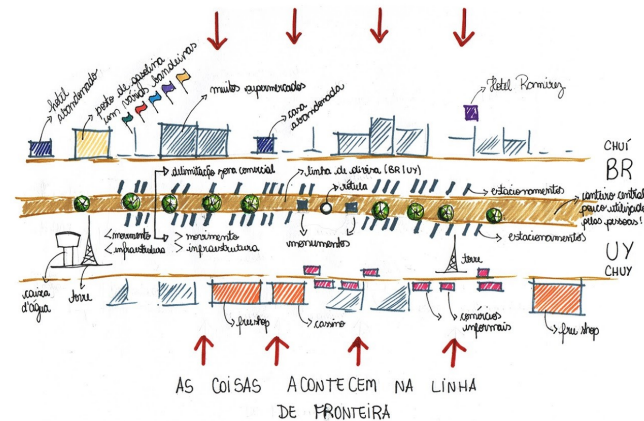


Fig. 6: Mapa cartográfico das cidades-gêmeas Chuí-Chuy. Fonte: Vanessa Forneck, Acervo Laburb/FAUrb/UFPel, 2018.

A criação do mapa, instrumento tão caro aos urbanistas, revela outra camada de informações, além dos dados de geolocalização. Esta camada está composta por vozes, cheiros, texturas, espessuras e outros detalhes. Os resultados da caminhada/cartografia permitem o deslocamento estático do mapa “cartesiano” (ainda arraigado no urbanismo normativo) para a aventura de uma leitura das sensações e da vida urbana desnuda. Uma construção que faz fugir, mesmo que momentaneamente, da rígida estrutura do capital, do mercado e do consumo, dando passagem para os atos cotidianos, as formas inventivas de (re)apropriação dos lugares e a prática da cidade como ato político, ético e estético.

No entanto, o grande desafio está no compartilhamento e no repasse das informações coletadas. Além da impossibilidade de dimensionar seu alcance e seus desdobramentos, um mesmo dado pode gerar diferentes interesses. Por um lado, a informação sobre as atividades dos vendedores ambulantes pode ser utilizada pelo poder público para punir a informalidade comercial, e o relato sobre o completo abandono de áreas centrais de Chuí/Chuy pode ser tomada pelo mercado imobiliário como oportunidade para novos empreendimentos. Por outro lado, pesquisadores de diferentes nacionalidades podem ver essas informações como potencializadoras para estudos em outras fronteiras.

Percebe-se que, a partir da divulgação de um mapa, o conteúdo ultrapassa uma simples declaração do pensamento subjetivo do autor para oferecer uma ferramenta de poder, na qual os impactos positivos ou negativos não conseguem ser dimensionados. Novamente nos deparamos com o impasse ético: o que compartilhar? O que suprimir? Se desejamos revelar o indizível das cidades, descortinar a face da exclusão urbana, a difusão dessas existências é necessária, mas com consciência das possíveis reverberações desse ato.

3.4 O mapa-vídeo

As imagens apresentadas a seguir são recortes (*frames*) de vídeos capturados durante a viagem às cidades-gêmeas Chuí-Chuy. São partes de filmagens que apresentam a “hospitalidade” vivenciada na fronteira: os corpos atravessam a linha, percorrendo o canteiro central, e são atravessados por sensações de abandono e liberdade (Figura 7). Na proximidade das bordas, mais distantes da linha de fronteira, na periferia, esses corpos acompanham os acontecimentos do cotidiano (Figura 8). A “hospitalidade” se configura através de um percurso de enfrentamentos e intercorrências entre carros, vegetação, mobiliários, turistas e ambulantes. Esse percurso, realizado pela linha de fronteira, compõe um grande vazio indeterminado, que segmenta e afasta ao mesmo tempo, tornando-se o lugar do possível. A captura do vídeo, mesmo com a escolha do que será exposto ou não, permite revelar idealizações através de imagens que falam por si mesmas. No ato de parar e posicionar a câmera, a cidade se propõe como cenário. O vídeo registra um acontecimento, uma duração em um espaço memorizado em *frames*.



Fig. 7: *Frames* do vídeo produzido durante a travessia pela linha de fronteira, no centro urbano das cidades-gêmeas Chuí/Chuy. Fonte: Humberto de Souza, Acervo Laburb/FAUrb/UFPel, 2018.



Fig. 8: Frames do vídeo produzido durante a travessia pela linha de fronteira, na periferia urbana das cidades-gêmeas Chuí/Chuy. Fonte: Humberto de Souza, Acervo Laburb/FAUrb/UFPeL, 2018.

Diferente da escrita e da fotografia, o conteúdo audiovisual é mais democrático, uma vez que possibilita a expansão de interpretações. O vídeo é movimento, percepção da intensidade do tempo. Os sons do vento, do carro de som, do latido do cachorro, das conversas, do barulho dos automóveis, entre outros, possibilitam uma narrativa mais completa e complexa dos acontecimentos, que corroboram o entendimento contemporâneo dessas cidades.

4 Revolucionar a prática

A produção desses mapas cartográficos deseja criar uma revolução ou possibilidade de criação como insurreição do devir nas cidades. Caminhar e cartografar são encontros na direção contrária, um escrever a cidade como “carto-grafia” que permite o surgimento do novo nesse entre-lugar-linha de fronteira. Diferente de um planejamento urbano rígido e elaborado fora deste contexto fronteiriço, que muitas vezes impõe regras totalizantes e genéricas para as cidades e, até mesmo, uma replicação de projetos de outros lugares, esta investigação de perto, proporcionada pelas travessias, caminhadas, entrevistas e fotografias, pode contribuir para concepções urbanas integradas mais participativas e colaborativas.

Na medida em que resgata a história, memória e cotidiano dos moradores, o mapa-entrevista registra desejos e impasses da convivência multicultural e alerta sobre a complexidade de acordos e ajustes legais para novas intervenções. Acolher as vozes fronteiriças é incluí-las nas decisões de criação urbana. O mapa-fotografia (a imagem falada) auxilia o pesquisador na absorção e crítica dos eventos que vivenciou durante a caminhada; é uma forma de registrar a inquietude do pensamento mediante as informações que chegam inesperadamente e nos tocam. O grupo de pesquisa não vai em busca de algo ou alguém. Na verdade, o grupo é que é encontrado por humanos e não humanos que ocupam, na pesquisa, condição de atores, sujeitos. De forma similar, o mapa-mapa também colabora com esse processo de descobrimentos. Ele acrescenta a referência dos lugares; dá nome, coordenada e direção; exhibe as cenas escondidas, esquecidas, abandonadas que passaram por nós. Por fim, o mapa-vídeo consegue congelar um tempo, reviver o compasso dos acontecimentos em seus mínimos detalhes, difundindo a realidade da vida urbana desnuda, sem cortes.

Com as informações extraídas através de toda a metodologia, percebemos que o abandono resiste na linha de fronteira Chuí-Chuy. Mesmo na parte mais próxima do centro comercial, onde havia intenso fluxo de pessoas e veículos, o canteiro central servia somente como estacionamento. Já em sua região periférica, havia uma completa diluição dos limites fronteiriços. Esse abandono deixa rastros do que o canteiro foi e do que poderia ser, motivando a criação de linhas de fuga (DELEUZE, 1999) que permitem escapar das restrições da identidade para se abrir à diferença. Por outro lado, também impõe condicionantes, uma vez que é uma linha que está sob constante vigilância do poder estatal. Por isso, o outro – estrangeiro, turista ou foragido – é acolhido na espessura da “hostipitalidade”.

De acordo com Ermínia Maricato (2000, p. 168), “[...] a disseminação da informação e do conhecimento sobre a cidade real ou sobre a realidade urbana tem a importante função de afastar a bruma que encobre a realidade e desvendar a dimensão da exclusão [...]”, pensamento que a presente pesquisa corrobora. As informações coletadas nessa experiência comunicaram o que está além dos holofotes do consumo dos *free shops*, possibilitando uma abertura ao que está excluído, abandonado, descartado dentro do abismo fronteiriço. No entanto, a compreensão dessas informações pode ser manipulada, dependendo dos interesses

e articulações econômicas, políticas e sociais envolvidos. Por isso, as questões éticas são mediadoras quanto ao avanço ou à pausa no repasse do estudo.

Desse modo, o grupo acredita que silenciar, deixar de compartilhar as informações levantadas, tornaria todo o esforço de investigação inutilizável e não possibilitaria alcançar o objetivo de (re)conhecer o lugar público da linha de fronteira e suas potencialidades. Mediar é necessário, como ocorreu na omissão de autoria de alguns relatos, mas silenciar, jamais. Optou-se por expor o estudo, apesar do risco de desvio de informações. A exposição demonstra que a informalidade, a ilegalidade, os abandonos e os diversos tipos de contrabando nessas cidades de fronteira são estratégias urbanas, (re)apropriações contemporâneas criadoras. Nossa intenção não é denunciá-las ou puni-las, mas sim compreender a lógica que movimenta e promove a interculturalidade nessas cidades-gêmeas.

Ainda com uma formação modernista, arquitetos e urbanistas buscam novas propostas de planejamento urbano como "A" solução para problemas e impasses da complexidade da cidade. No entanto, neste momento, questionamos que eficácia alcançaria um planejamento urbano – ou seja, um plano de organização estratégico – para essas cidades-gêmeas internacionais, que, cotidianamente, criam e recriam novos modos de vida e apropriação das cidades? Será que uma das investidas não seria ir em sentido contrário, aprendendo com as cidades, ao invés de lhes ditar outras normas de organização?

Finalmente, em uma atitude revolucionária, também instauramos uma provocação. A intervenção foi ampliada no campo artístico com lambe art (Figura 9) e pequenos adesivos (endereço do *website* via *QR-code*), colados durante o percurso. A prática permitiu, além da divulgação do projeto de pesquisa, um diálogo sobre e com a cidade, reforçando a importância do compartilhamento e discussão das informações. A revolução se expande como uma cicatriz no meio urbano, como uma marca material e concreta, deixando pistas sobre o lugar habitado por hóspedes e hospedeiros, em constante transformação.



Fig. 9: Frames capturados do vídeo produzido no ato da colagem do lambe. Fonte: Taís Beltrame dos Santos, Acervo Laburb/FAUrb/UFPel, 2018.

Agradecimentos

Aos alunos de graduação vinculados ao Grupo de Pesquisa Cidade+Contemporaneidade (<https://wp.ufpel.edu.br/cmasc/>), do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq): Humberto Levy de Souza, bolsista do Programa de Iniciação à Pesquisa Ações Afirmativas, da Universidade Federal de Pelotas, e Natália Lohmann D'Ávila, bolsista de Iniciação Científica CNPq. À Fundação de Amparo à Pesquisa do Rio Grande do Sul (FAPERGS), pelo financiamento do projeto.

Referências

BARROS, L. M. R., BARROS, M. E. B.. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; TEDESCO, S. (Org.). **Pistas do Método da Cartografia:** A experiência da pesquisa e o plano comum. v. 2. Porto Alegre: Sulina, 2014. p. 175-202.

CARERI, F. **Walkscapes:** o caminhar como prática estética. São Paulo: Gustavo Gilli, 2013.

DELEUZE, G. **O ato de criação.** São Paulo: Folha de São Paulo, 1999.

- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Kafka**: por uma literatura menor. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs**: Capitalismo e esquizofrenia. v. 1. Rio de Janeiro: Ed.34, 1995.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs**: Capitalismo e esquizofrenia. v. 5. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1997.
- DERRIDA, J.; DUFOURMANTELLE, A. **Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar da Hospitalidade**. São Paulo: Escuta, 2003.
- FUÃO, F. F. As formas de acolhimento na arquitetura. In: SOLIS, D. E.; FUÃO, F. F. (Org.). **Derrida e arquitetura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014. p. 41-114.
- HARVEY, D. **A condição pós-moderna**. Ed. São Paulo: Loyola, 1992.
- JACQUES, P. B. **Elogio aos errantes**. Salvador: EDUFBA, 2012.
- MARICATO, E. As idéias fora do lugar e o lugar fora das idéias: planejamento urbano no Brasil. In: ARANTES, O.; VAINER, C.; MARICATO, E. (Org.). **A cidade do pensamento único**: desmanchando consensos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- PUCCI, A. S. **O Estatuto da Fronteira Brasil-Uruguai**. Brasília: Fundação Alexandre Gusmão, 2010.
- TEDESCO, S. H.; SADE, C.; CALIMAN, L. V. A entrevista na pesquisa cartográfica: a experiência do dizer. **Fractal, Rev. Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 2, p. 299-322, 2013. Disponível em: . Acesso em: 11 Out. 2019.
- ZILLER, R. C.; SMITH, D. E. A phenomenological utilization of photographs. **Journal of Phenomenological Psychology**, v. 7, p. 172-182, 1997.